



**MARINA
SPERANZA**

PARA

DE

**Reflexões sobre
como educar meninos
no mundo de hoje**

FRESCURA!

academia

**MARINA
SPERANZA**

PARA

DE Reflexões sobre
como educar meninos
no mundo de hoje

FRESCURA!

academia

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Marina Speranza, 2026

Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2026

Todos os direitos reservados.

Preparação: Daniele Souza

Revisão: Gleice Couto e Valquíria Matioli

Projeto gráfico e diagramação: Claudia Lino Design Studio

Capa: Luana Pillmann | Estúdio Foresti Design

Imagens de capa e miolo: Freepik

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Speranza, Marina

Para de frescura! : reflexões sobre como educar meninos no mundo de hoje /
Marina Speranza. – São Paulo : Planeta do Brasil, 2026.

160 p.

Bibliografia

ISBN 978-85-422-4065-8

1. Educação de crianças 2. Meninos - Formação I. Título

26-0325

CDD 649.132

Índices para catálogo sistemático:

1. Educação de crianças

Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo e
outras fontes controladas

2026

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Planeta do Brasil Ltda.

Av. Paulista, 854, 2º andar – Bela Vista

São Paulo – SP – CEP 01310-913

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

Acreditamos nos livros

Este livro foi composto em *Askan*
e impresso pela Lis Gráfica para
a Editora Planeta do Brasil em
março de 2026.

SUMÁRIO

.....

Prefácio, por Martha Medeiros.....	7
Apresentação – Pra começo de conversa.....	9
Tá vendo o problemão, logo ali na frente?.....	10
Criação feminista?.....	15
Crise masculina?.....	19
Os meninos estão em um cabo de guerra.....	22
As redes sociais.....	25
Sexo, gênero, identidade de gênero e orientação sexual.....	29
Gênero é biologia ou cultura?.....	31
Fazer gênero.....	35
E quem não segue as normas de gênero?.....	41
Pessoas trans.....	45
Masculinidades e relações de poder.....	49
“Ser homem é não ser como uma mulher”.....	52
Dispositivo do amor, dispositivo materno e dispositivo da eficácia.....	55

Consequências do dispositivo amoroso	56
Consequências do dispositivo materno.....	58
Consequências do dispositivo da eficácia	59
O que se espera de um homem?	63
Nem todos os homens têm as mesmas oportunidades	64
Ser homem é não ser mulher.....	71
Masculinidade frágil.....	79
A socialização masculina	83
Sentimentos e emoções.....	91
Educação afetiva e sexual	97
Sexo também é afeto	98
Grupos de homens.....	101
Violência.....	105
Quais alternativas à violência podemos oferecer aos meninos?	109
Precisamos de uma mudança coletiva.....	109
E o racismo, o que tem a ver com tudo isso?	113
A paternidade	117
Como um homem pode ser menos machista?.....	123
O que mudou e o que ainda falta mudar?.....	127
Modelos e referências para os meninos.....	135
Será que a gente cria igual mesmo, pra valer?	136
Reflexões sobre a criação de meninos.....	141

Como colocar em prática a educação de meninos para a igualdade?	141
Mandatos e estereótipos de gênero.....	141
Sentimentos e emoções.....	143
Amor e sexo	144
Cuidados.....	144
Ser referência	145
Oferecer outras referências.....	146
Vale lembrar: tudo é relativo.....	147
Glossário.....	149
Agradecimentos.....	153
Referências bibliográficas	155

Criação feminista?

Mas por qual motivo estamos falando de criação de meninos?

Ser feminista não significa acreditar que a mulher é melhor, e sim ter a consciência de que fomos historicamente tratadas com desigualdade, e precisamos resolver esse desequilíbrio com urgência porque ele provoca danos à sociedade como um todo. Desequilíbrio maior às mulheres, mas também aos homens, e, mais ainda, a quem não se identifica com nenhum desses gêneros.

E, já que entramos no assunto, é importante deixar claro que o feminismo não é equivalente ao machismo. O feminismo é um movimento que defende a igualdade política, econômica e social de homens e mulheres, e quer a libertação de todo mundo. Não é uma luta contra os homens, e sim contra o patriarcado. Já o machismo é uma atitude que sustenta e reforça a superioridade do homem.

Entendo a força do termo e a necessidade de a gente se posicionar, mas tenho visto muitos especialistas em gênero evitando falar em feminismo em algumas situações.

Simplesmente porque muita gente fecha a cara quando ouve a palavra e já imagina alguém queimando a Bíblia com os peitos de fora, dando mamadeira de piroca a uma pobre criancinha. E aí não existe diálogo, certo? Até a Patricia Hill Collins, ativista e autora do clássico *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*, falou numa entrevista ao Intercept: “se a palavra atrapalha a ponto de você não conseguir chegar nas questões que ela deveria invocar, significa que o ataque da mídia ao termo feminismo foi bem-sucedido, e é hora de usar outra palavra que descreva aquilo sobre o que você quer conversar”.¹

Se a ideia é extrapolar a bolha, e você quiser suprimir a palavra *feminismo* do discurso, ok, tá valendo. Mas, agora que já me expliquei um tantinho, preciso acrescentar: tenho como foco autores que falam sobre masculinidades em diálogo com o feminismo, e acredito fortemente que, se buscamos a igualdade, precisamos rever os privilégios. Sim, estamos falando de educação feminista que abraça com carinho a todas as pessoas! Aliás, eu gosto muito de um conceito da Nancy Fraser, de feminismo para os 99%, que tem a ver com incluir a todos, sem deixar ninguém pelo caminho. Todos têm o direito à vida e à liberdade caracterizada pela responsabilidade com o outro e com a natureza. Além disso, o feminismo para os 99% questiona os excessos do capitalismo, é antirracista, ecorresponsável, antiLGBTfóbico e articula, necessariamente, raça e etnia, gênero e classe.

¹ LARA, B.; GONÇALVES, J. Entrevista: “Se o termo feminismo barra a discussão, é hora de trocá-lo”, diz Patricia Hill Collins. *The Intercept Brasil*, 22 out. 2019.

INDICAÇÃO DE LEITURA



“Se ensinarmos às nossas crianças essa nova forma de amar, veremos que o amor cresce e toma novas formas que vão fazer nossos corações se abrir em momentos inesperados. Feminismo tem a ver com amor.”²

A autora dessa passagem parte do mesmo ponto que eu: mãe de um menino, de um país do Sul Global (Índia), vivendo num país do norte (ela, EUA; eu, Espanha). Somos mulheres, até certo ponto, privilegiadas, ambas da área da comunicação, e já vivemos violências que nos deixaram um tantinho assustadas quando vimos o pintinho dos nossos filhos na ultrassonografia. Logo depois, nos encantamos com nossos bebês, e encontramos aí parte da nossa luta. O legal do livro *Como educar um filho feminista*, da Sonora Jha, é que ele nada mais é do que um relato sincero, com muitas reflexões e ideias. A autora assume erros, dificuldades, conta que levou anos para perceber o próprio sexismo e a misoginia internalizada. E fala sobre cinema, cultura, questões interseccionais, a relação com a família e com a Índia, e, no fim, ainda traz várias dicas de filmes e livros para assistir e conversar com os meninos. De leitura gostosa, como um bom bate-papo.

² JHA, Sonora. *Como educar um filho feminista: maternidade, masculinidade e a criação de uma família*. Trad. Giu Alonso. Rio de Janeiro: Agir, 2021. p. 263.

Crise masculina?

Foi em 2008, quando estava em Barcelona, numa pós em Pesquisa de Tendências, que ouvi pela primeira vez esse papo de crise dos homens. Cheguei ao Brasil no ano seguinte, e o assunto surgiu em uma palestra no Observatório de Sinais, um instituto que pesquisa macrotendências de comportamento. É fato que se fala em crise das masculinidades já há certo tempo, e o novo momento do feminismo só acelerou esse processo. Com as redes sociais, o ativismo on-line cresceu de uma maneira nunca imaginada. O movimento #MeToo chacoalhou o mundo, denunciando casos de assédio e abuso sexual cometidos por homens em posições de poder, especialmente nos Estados Unidos. No Brasil, muitas mulheres contaram atitudes de machismo cotidiano e histórias de abuso através da *hashtag* #MeuAmigoSecreto.

AS MULHERES FINALMENTE DISSERAM
BASTA A VÁRIAS VIOLÊNCIAS E SITUAÇÕES
ANTES INVISIBILIZADAS.

E as novas gerações já chegam entendendo a coisa de um jeito diferente. Porém, as gerações que foram criadas nos anos 1980 recebem as informações, sentem as mudanças, mas nem sempre conseguem aplicá-las à vida prática. Mulheres que nasceram ouvindo que o importante era ir para a academia e agradar aos homens não conseguem de uma hora pra outra ser protagonistas das próprias vidas. Surge a culpa, entram em conflito com tudo o que aprenderam ser certo e errado, e têm de lidar, ainda, com pais, maridos, e até com muitas amigas, que não as entendem: pra que esse papo de feminismo, se é tão melhor receber flores e cuidar da casa?

Ao mesmo tempo, os homens também estão tentando entender o momento, recebendo *fake news* de um lado, limites do outro, sem saber o que fazer entre fotos e memes machistas enviados a eles no WhatsApp e a consciência de que não têm tantos amigos de verdade quanto gostariam, além de perceberem que não podem falar de sentimentos com ninguém. Ok, tem algo estranho no ar, mas eu não sou culpado, sou vítima. Nem todo homem...

Uma vez um amigo me disse apavorado: "Nossa, mas agora dizem até que todo homem é um potencial estuprador!". Entendo o espanto, mas acho importante que a gente converse sobre isso. Não estamos falando dele, e, provavelmente, nem de você ou de quem está aí ao seu lado. E sim que vivemos em uma sociedade adoecida, e o estuprador não vem com um carimbo na testa. Muitas vezes é uma pessoa que convive com a

gente, que é simpática, que dá bom-dia, que sai arrumada para o trabalho, que é parente, vizinho, amigo. E a gente precisa falar sobre isso. Berrar, se for preciso!

E OS MENINOS?

Eles estão recebendo o recado: seja um homem melhor, mais justo, diferente dos seus pais e avós, mas não chore, não mostre vulnerabilidade, seja forte, seja o protagonista. Como? Se vira!

SÃO MUITAS MENSAGENS CONTRADITÓRIAS.

O complicado é que os aprendizados da masculinidade impedem os garotos de se relacionarem com maior profundidade. E, justo agora, as mulheres resolveram falar: não, vocês já têm espaços demais, chega! E aí, cadê os espaços para os meninos conversarem sobre tudo isso que estão sentindo? Temos ouvido muito de meninos adolescentes que o feminismo foi longe demais, que tudo o que eles fazem agora pode ser interpretado como abuso, que eles estão inseguros. Cheguei a escutar de alguns que eles enviam mensagens nas redes sociais antes de sair com a menina pedindo consentimento para poder provar que o relacionamento foi consentido, caso seja necessário. Sim, os meninos não estão sabendo como agir diante de tantas acusações, que não são, especificamente, para eles, mas para uma estrutura que, sim, os beneficia, embora os limite muito também.

Os meninos estão em um cabo de guerra

Se, por um lado, estamos diante de uma geração muito mais consciente dos erros do passado, por outro ainda faltam novos modelos e referências, e muitos meninos que se sentem perdidos acabam encontrando acolhimento em discursos antiquados e extremistas, hoje difundidos com força nas redes sociais. E o que nós podemos fazer em relação a isso? Oferecer espaços de escuta, de acolhimento, entender as necessidades e dificuldades dessa nova geração. Isso implica sair também da nossa postura adultocêntrica que acha que precisamos ensinar tudo. A gente precisa ter consciência de que temos de escutar o que eles têm a dizer.

Nana Queiroz, no livro *Os meninos são a cura do machismo*, usa uma metáfora interessante: estamos em uma pandemia em que o vírus do machismo é transmitido o tempo todo; nossos pais, avós, amigos, parceiros são hospedeiros. Mas não adianta atacar essas pessoas doentes, até mesmo porque nós também somos portadores do vírus, ainda que muitas vezes de maneira assintomática. Não se pode simplesmente acabar com toda a população, certo? O importante é vacinar com educação amorosa quem ainda não se contaminou, especialmente as crianças, para que elas não sejam a causa, e sim a cura do machismo. Para que as novas gerações sejam livres dessa doença que mata tanta gente.

INDICAÇÃO DE LEITURA



Uns caras que cresceram ouvindo que eram o máximo, que veneram Hitler, que nasceram no melhor país do mundo e que, se fizessem tudo o que manda o figurino do macho invulnerável, teriam a vida ganha. Porque eles *merecem*, como vende a meritocracia. E aí de repente a coisa começa a ficar feia: crise econômica, Walmart gigante quebrando mercadinho em cada esquina, desemprego. Por sua vez, alguns avanços sociais, tais como mulheres ocupando espaços e até um presidente negro. Ressentimento, raiva, uma sensação nostálgica de que antes tudo era perfeito, e aí surge o Trump com seu slogan "Make America Great Again", prometendo tudo o que essa galera queria ouvir. E aí os manos pira, lógico!

Eu estou simplificando muito, muitíssimo as ideias de Michael Kimmel, sociólogo especialista em masculinidades que percorreu todos os Estados Unidos, se infiltrou em clubes de luta, estudou casos de *serial killers* e até entrevistou supremacistas para escrever o livro *Angry white men*, ou *Hombres (blancos) cabreados*, em espanhol. É sobre os eleitores do Trump, mas também sobre os homens de modo geral, sobre o ideal de masculinidade americano que aparece frequentemente nas telas de cinema e acaba servindo de modelo para os filhos mundo afora.

O livro é realmente uma aula a respeito do mundo atual, de como o populismo não é baseado em teoria

ou ideologia, mas em emoção. Nesse caso, especialmente na *raiva* contra o outro: quem não é homem branco ou quem questiona o patriarcado e tudo o que ele representa. Ou seja: nós, que estamos falando em igualdade de gênero.

INDICAÇÃO DE FILME



Gênero sob ataque, um documentário que trata a questão do gênero sob o ponto de vista político na América Latina, com o crescimento do conservadorismo através das redes sociais. Recomendo muitíssimo; pode ser encontrado no YouTube.



As redes sociais

A série *Adolescência* começa com a polícia invadindo uma casa atrás de um adolescente de 13 anos. Os pais do menino, apavorados, assim como nós, pais de adolescentes, do outro lado da tela. Um fenômeno da Netflix que chacoalhou o mundo todo, deixando famílias em pânico, professores atentos e um recado evidente para a sociedade: precisamos repensar a educação dos adolescentes. Estamos educando as primeiras gerações conectadas desde o berço, com características muito próprias, e, agora, com influência da inteligência artificial. As consequências ainda são pouco discutidas, a legislação reguladora, escassa, e nós ainda estamos engatinhando em relação a esse aprendizado. Muitos pais, talvez a maioria, deixaram de consultar livros e jornais e passaram a se informar justamente pelas redes sociais, nas quais o conteúdo tem de ser “lacrador” pra performar bem.

Vivemos uma contradição: queremos falar que os meninos estão expostos a conteúdos radicalizados, extremos e, para isso, criamos conteúdos sensacionalistas. O algoritmo pede, e a gente obedece: faça textos curtos,

aproveite as *trends*, use música, crie *reels*, polemize. Quando a gente rola o dedinho para cima, toma:

- Os adolescentes matam.
- As redes sociais são perigosíssimas.
- Cuidado, tenha medo!
- Fuxique mensagens, desconfie de tudo!
- Seja paranoico, proíba!

E onde um adolescente perdido, buscando seu lugar no mundo, tentando entender quem é, desejando ser amado, precisando de validação, e, ainda, julgado pelos pais... onde, muitas vezes encontra respostas? Nas redes sociais. Diversas pesquisas, formais e informais, já foram feitas para simular como um menino adolescente recebe o conteúdo da internet. Para isso, basta criar um perfil de menino com idade entre 13 e 18 anos e rolar o dedinho nas redes sociais (Instagram, TikTok, Discord ou outra qualquer). O resultado deixa qualquer adulto chocado: uma infinidade de conteúdo machista, misógino e racista.

Infelizmente, as respostas mais claras sobre relacionamentos e masculinidades vêm em forma de slogans como: “as meninas preferem os outros, os 20%, não você, que é dos 80%”. Você tem que ser assim, fazer isso, seguir essas regras. MGTOW, *redpill*, sigma, incels...¹ Tem uma infinidade de ho-

¹ REDPILL, Incel, MGTOW: entenda o que acontece em grupos masculinos que pregam ódio às mulheres. *G1*, 3 mar. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/podcast/o-assunto/noticia/2023/03/03/red-pill-incelel-mgtow-entenda-o-que-acontece-em-grupos-masculinos-que-pregam-odio-as-mulheres.ghtml>. Acesso em: 11 nov. 2025.

mens se unindo em grupos oferecendo respostas, um movimento tão amplo que recebeu até um nome: a “manosfera”. Essas respostas são boas? Reais? Interessantes? Talvez não, do ponto de vista de um adulto formado e informado, mas, para um garoto perdido, que navega sozinho pelas redes, com a curiosidade típica da adolescência e o desconhecimento dos pais, talvez aquilo faça algum sentido.

E, ASSIM, O QUE É UM DESPERTAR PARA A CONSCIÊNCIA DE DIREITOS PARA AS MENINAS PODE SER COMPREENDIDO COMO VINGANÇA PELOS MENINOS.

Mensagens legítimas do feminismo, depois de anos de silêncio e sufocamento, vieram com força, e os meninos, muitas vezes, não sabem como ler isso. De novo, quero lembrar que não estou falando de homens adultos, que podem se sentir interpelados ou julgados, mas que têm referências e maturidade para lidar com a informação. E sim de garotos que chegam a um mundo onde já se sentem marcados e escutam um discurso de que são condenados de saída a carregar os rótulos de machistas e misóginos por terem nascido homens.

Sim, temos de encarar o fato: nossos filhos têm acesso a um conteúdo radical nas redes (e a gente também). Mas, mais importante do que polemizar, é conversar com os meninos. Oferecer escuta, acolhimento e entender suas necessidades implica sair da nossa bolha adulto-cêntrica. Não sabemos tudo.

Não adianta culpar os meninos, os pais, as mães ou quem quer que seja. Nem apenas simplesmente proibir

celulares. Temos de nos unir: pais, escolas, professores, justiça, comunidade. Um sistema inteiro que precisa re-
ver a educação dos meninos. Temos muito o que des-
construir. Repensar.

INDICAÇÃO DE SÉRIE



A série *Adolescência*, da Netflix, é um tapa na cara de quem é mãe, pai ou convive com adolescentes. Fala sobre identidade, masculinidades, redes sociais e, mais importante, sobre como a gente está enganado pensando que nossos filhos não estão interagindo socialmente quando estão trancados no quarto.

Sexo, gênero, identidade de gênero e orientação sexual

SEXO é definido pelas nossas características biológicas, nosso órgão sexual. Podemos ser: macho, fêmea ou intersexual – intersexo. Explicando um pouco mais, intersexo é quando a pessoa não nasce com o órgão sexual bem definido. E é muito mais comum do que a gente imagina: a intersexualidade está presente em quase 1,7% dos recém-nascidos, de diferentes maneiras. E, muitas vezes, na ansiedade de designar um gênero, os bebês são operados imediatamente, o que é uma questão bastante complexa.

Por sua vez, GÊNERO está relacionado a práticas sociais, ou seja, a maneira como me comporto no mundo. Pode ser masculino, feminino ou não binário.

Nesse sentido, IDENTIDADE DE GÊNERO faz referência ao gênero com o qual a pessoa se identifica: quando a pessoa se identifica com o gênero que foi atribuído a ela

no nascimento, ela é cisgênero; e, quando não se identifica com o gênero que lhe foi atribuído, é transexual. Como trans, pode se identificar dentro de um gênero binário (homem ou mulher), ou, ainda, não se identificar com nenhum dos dois gêneros, portanto não binária (e aí existem outras designações: gênero fluido, queer etc.). Também existe a identidade travesti, especialmente forte no contexto brasileiro, que não é sinônimo de mulher trans, mas tem um significado político e cultural próprio.

E ORIENTAÇÃO SEXUAL tem a ver com o desejo sexual. Heterossexual sente atração pelo sexo oposto. Homossexual sente atração pelo mesmo sexo (são as lésbicas e os gays). Bissexual sente atração por ambos. Assexual não sente atração sexual. Pansexual sente atração por pessoas, independentemente de orientação sexual.

INDICAÇÃO DE SITE



Esta é uma série de vídeos curtos que parece básica, mas é ótima pra entender um pouco de onde partimos pra conversar sobre gênero. Pode ser vista em espanhol, inglês ou catalão, é acompanhada de livros em PDF pra baixar, inclusive um guia que pode ser usado pra conversar sobre o tema com adolescentes. Disponível em: <http://www.dibgen.com/>.

Gênero é biologia ou cultura?

Homens são altos, mulheres são baixas, né? Sabia que a Cláudia Raia tem 1,78 m e o Prince tinha 1,60 m? A média de altura dos homens é ligeiramente maior, ok, mas a diversidade de estaturas é grande, mesmo entre pessoas do mesmo sexo. Homens são fortes, mulheres são fracas? Posso assegurar a você: quem já viu um parto jamais se atreveria a dizer isso. Ah, mas tem diferenças no cérebro de um e de outro: eles são melhores em cálculos. Pode até ser, mas isso tem uma explicação científica, já que tem a ver com a plasticidade do cérebro: quanto mais se estimula, mais aquela área se desenvolve. E a testosterona, que traz agressividade? Sabia que ela é mais produzida quando estimulada? Mas e o instinto materno? Quem, historicamente, ganha boneca de presente e, depois, fica em casa cuidando e garantindo a criação dos filhos?

Há quem diga que homens e mulheres são opostos e complementares, homens de Marte, mulheres de Vênus, aquele papo. Sim, existe o biológico: nascemos com um

pênis ou uma vagina. Mas isso não é tudo. Aliás, é quase nada. Tudo na nossa sociedade é genderizado: aprendemos a agir assim ou assado, de acordo com o gênero, o TEMPO TODO. Para entender sobre gênero, é preciso entender que os processos corporais e sociais estão entrelaçados.

"O SEXO DE UM CORPO É UMA QUESTÃO
MUITO COMPLEXA. NÃO HÁ PRETO OU BRANCO,
MAS GRAUS DE DIFERENÇA."

Anne Fausto-Sterling¹

Para Gayle Rubin, uma das maiores teóricas sobre questões da sexualidade, o "sistema sexo/gênero" compreende os arranjos pelos quais a sociedade converte a sexualidade biológica em produtos da atividade humana e nos quais são satisfeitas essas necessidades humanas. Em outras palavras, gênero é uma divisão sexual que impõe a transformação do feminino em mulher e do masculino em homem, em uma cultura marcada pelo binarismo (ou você é homem ou mulher).

Existem mais de 7,5 bilhões de corpos diferentes no mundo, e a maioria das pessoas combina características consideradas masculinas e femininas, numa amplíssima variedade de combinações. A produção de gênero é complexa e intensa, e mais: provoca conflitos porque envolve relações de poder, de mais ou menos prestígio social. Como diz a antropóloga mexicana Marta Lamas, o gênero

¹ FAUSTO-STERLING, Anne. *Cuerpos sexuados: la política de género y la construcción de la sexualidad*. Barcelona: Melusina, 2006. p. 17. (Tradução livre)

é uma classificação cultural que define a divisão do trabalho, as práticas rituais e o exercício do poder, atribuindo características exclusivas a ambos os sexos em termos de moral, psicologia e afetividade.

Existem teorias para justificar que gênero é pura biologia e há quem diga que é apenas cultura. Nesse aspecto, me aproximo de Raewyn Connell e Rebecca Pearse, no livro *Gênero: Uma perspectiva global*, de que os corpos têm agência e também são construídos socialmente.

O dia das meninas e o dia dos meninos na Alemanha começou em 2011 como uma atividade para introduzir meninas em profissões que elas não costumam escolher, especialmente nas áreas de ciência e tecnologia. Os resultados foram tão interessantes que os garotos ganharam o seu dia, quando são levados a experimentar profissões sociais, educativas e de enfermagem. O lema: garotas no TI, garotos em profissões sociais!

Toda última quinta-feira de abril, empresas e universidades, que optaram por participar, abrem suas portas aos jovens, um projeto público para despertar o interesse por determinadas profissões, diminuindo a disparidade de gênero e a escassez de mão de obra qualificada. Não é muito legal?